

LUTO

Brasília perde seu artista

Athos Bulcão embelezou os espaços públicos com painéis e azulejos

KARINA GOMES BARBOSA
REPÓRTER

O relevo lateral da pirâmide é feito com cinco módulos de concreto pintados de branco e em formas de cubos de tamanhos variados que se combinam. Expostos ao horizonte alargado e luminoso da capital, os cubos brincam e se movimentam em novas formas criadas a partir do Sol. Quem passa pelo Teatro Nacional não consegue se furta a ver a intervenção definitiva do homem que tirou a arte do pedestal e a levou às ruas e às paredes sociais da cidade. Com Athos Bulcão, Brasília se tornou um precioso museu a céu aberto.

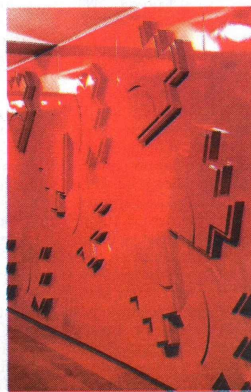
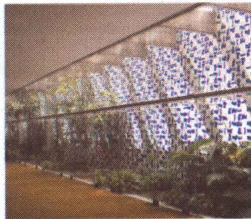
Morto na quinta-feira, dia 31, devido a complicações do Mal de Parkinson, Athos realizou

“Meu preferido é o Teatro Nacional. É simplesmente um jogo de luz e sombra para destacar a beleza da sombra”

a escultura a céu aberto a pedido do amigo Oscar Niemeyer. Fez os desenhos em uma semana e o resultado se tornou o projeto preferido do artista que tem mais de 200 obras espalhadas pela capital, fora os trabalhos pelo resto do mundo. “Meu preferido é o Teatro Nacional. É simplesmente um jogo de luz e sombra para destacar a beleza da sombra”, revelou o artista.

A simplicidade aparente das obras de Athos Bulcão esconde,

FOTOS IVALDO CAVALCANTE/RIU FAQUINITUCA REINÉS



na verdade, o complexo desejo de aproximar radicalmente o espectador da obra, por meio de um modernismo nunca chato, mas, ao contrário, de inspiração carnavalesca e alegre, construtivista. Não à toa, quando computava os desenhos dos azulejos que se tornaram sua marca registrada, deixava os operários livres para criar combinações aleatórias a partir de formas definidas. “Aplicação “deseducada””, como chamava. Era assim que Athos criava o outro a partir do mesmo, nas palavras do professor de arquitetura da USP Agnaldo Faria.

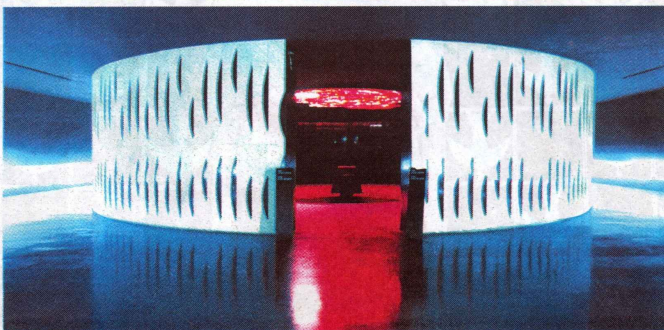
De acordo com Faria, Athos desconservava a lógica com o lúdico de suas criações. Suas obras são expressão precisa do projeto de integrar arquitetura e arte. “Queríamos isso mesmo. O nome já diz tudo: integração arquitetônica”, explicou. Seus trabalhos se mesclam aos projetos de nomes como Niemeyer e João Filgueiras Lima, o Leté, outro grande parceiro, e ressignificam as paisagens. Mesmo sem perceber, o indivíduo está vendo a arte por onde passa. E, muitas vezes, com contemplação diante do anônimo: Athos não assinava seus azulejos. “Muita gente fica procurando de quem é”, divertia-se.

Padrões em preto-e-branco adornam os passeios pelo Parque da Cidade; curvas geométricas em cores vibrantes se espalham pelas paredes do Congresso Nacional, do Palácio Itamaraty, do Aeroporto de Brasília; imagens pictóricas compõem a identidade da Igreja; treliças e intervenções de mármore delimitam espaços nos prédios públicos. “É tudo muito simples”, definia sua obra. “É uma simplicidade que dá para você fazer brincadeiras, ter experiências. Quero, com minha obra, que as pessoas sintam bem-estar nos espaços públicos”, explicou.

"Brasília é silêncio, é calma"

Marianne Peretti, Bruno Giorgi, Alfredo Ceschiatti. Muitos foram os artistas que contribuíram com Brasília, ao lado de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Mas só Athos Bulcão fixou raízes aqui. A personalidade tímida do artista encontrou na capital um par. "Brasília é silêncio, é calma. Brasília é linda", declarou Athos, que completaria 50 anos na cidade este mês. Veio para cá em 1958, um ano depois de ser convidado por Niemeyer para colaborar com ele.

Ainda no Rio, fez os desenhos da pomba e da estrela para os azulejos da Igreja Nossa Senhora de Fátima, na 307/8 Sul. Das poucas imagens pictóricas de Athos, as figuras simbolizam o nascimento abençoado de uma cidade.



"Ele era um artista muito sensível, um sujeito decente, correto, íntegro, um grande amigo. De modo que o desaparecimento dele causa certa mágoa"

Niemeyer

Já radicado aqui, fez os azulejos do Brasília Palace Hotel e, em 1959, a pintura do teto da capela do Palácio do Alvorada (que permaneceu escondida sob uma pintura por décadas). "Tudo começou com a Igreja-nha", brincou, sobre o início de sua longa parceria com Brasília.

Athos nasceu no Rio de Janeiro, em 2 de julho de 1918. Caçula de quatro irmãos, perdeu a mãe cedo e teve intensa vida cultural na infância e na adolescência. Estudou medicina por três anos, mas largou o curso em 1939 para dedicar-se à pintura. No mesmo ano, co-

meçou a conviver com artistas como Carlos Scliar (que conheceu numa livraria) e Burtel Marx, grande amigo.

Mas a carreira artística de Athos mudou na década de 40, quando iniciou a convivência com Cândido Portinari, que muito lhe ensinou sobre desenho e cores, e com Oscar Niemeyer. Conheceu o arquiteto em 1943 e no ano seguinte realizou, por incentivo dele, sua primeira exposição individual. Em 1945, trabalhou com Portinari na execução do painel de São Francisco de Assis na Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte. Três anos depois, ganhou bolsa para estudar desenho em Paris. Por três meses, percorreu o Louvre mergulhando na arte clássica - só depois partiu para os modernos.

Na década de 50, fez trabalhos com decoração de interiores (de que dizia não gostar), cenografia e ilustrações, como funcionário do Ministério da Educação. Já na cidade, em 1963 passou a dar aulas no Instituto de Artes da UnB, a convite de Darcy Ribeiro. Saiu em 1965, no protesto de mais de 200 professores da instituição, e voltou em 1988, ficando por dois anos.

Ainda no início da década de 60, outro nome foi adicionado à lista de parceiros, o do arquiteto João Filgueiras Lima. Com ele, Athos realizou os projetos da rede Sarah Kubitschek. "Tenho peças em hospitais porque quero passar calma", definia o mestre. Ao ilustrar o resultado de painéis coloridos e incomuns a hospitais que identificam a rede, Athos dizia: "É tudo um conceito, um jogo. É muito lúdico, uma grande brincadeira". O artista estava internado no Sarah há dois meses por conta da doença que o acometia desde 1989, mas não o impedia completamente de produzir. Athos "desapareceu", conforme o lamento afetivo feito por Oscar Niemeyer, em meio à beleza de suas criações. "Gosto da arte que for boa. Gosto de tudo que é bonito", decretou Athos. (K.G.B.)

Fundação ganhará nova sede

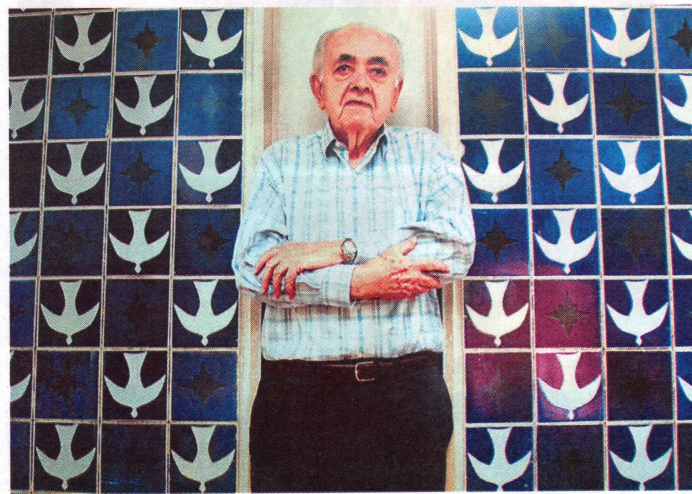
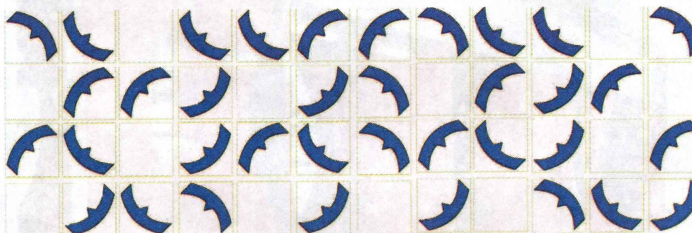
MARIA JÚLIA LLEDÓ
REPÓRTER

Tornar a arte e a cultura acessível à comunidade era um dos sonhos de Athos Bulcão. A idéia se tornou realidade em 18 de dezembro de 1992, quando se criou a fundação que leva o nome do artista plástico. Com o objetivo de reunir, preservar e documentar o acervo do homem responsável por adornar Brasília com azulejos, gravuras e outras obras, a fundação reside no Centro de Dança do DE. O pequeno espaço de 130 metros quadrados terá de ser abandonado em breve. A notificação foi feita em julho pela Procuradoria Geral do DF, que rescindiu o convênio com a Fundação Athos Bulcão.

No momento, a funda-

**"Artista eu era.
Pioneiro eu fiz-me.
Devo a Brasília
esse sofrido
privilégio. Realmente
um privilégio:
ser pioneiro"**

ção aguarda resposta do pedido de prorrogação de prazo, encaminhado à Secretaria de Cultura. Além de abrigar obras do artista, é na instituição privada e sem fins lucrativos que o projeto "Festival de Teatro na Escola", criado em 2000, saiu do papel para atender 2.125 alunos e 80 professores da rede de ensino público do DE. Foram também concebidos pela fundação, outros bem sucedidos projetos: Jornal RadCal e Superação Jovem. Este último responsável por atender outros 15 mil jovens de 176 escolas públi-



cas do DF, em seis anos.

A solução apontada pela Secretaria de Cultura foi de que a fundação pedisse um terreno à Terracap, que já ofereceu para escolha um dos três terrenos localizados no Setor de Divulgação Cultural, entre o Centro de Convenções Ulysses Guimarães e o Complexo Cultural da Funnarte. Ex-aluno de Athos Bulcão, o arquiteto Sérgio Parada se dispôs a fazer o projeto. "Ainda não escolhemos o melhor espaço para a nova sede, porque o Sérgio virá a Brasília ver qual terreno seria mais apropriado", adianta Valéria Cabral, secretária-executiva da fundação e amiga do artista.

A idéia, segundo Valéria, é conseguir uma doação do terreno para que o mesmo problema com a assinatura de um convênio seja evitado. Ao novo espaço já foi destinado um painel de Athos. A nova sede será composta por duas galerias, um auditório, um café e salas reservadas para oficinas de desenho e pintura em azulejos, além de outras técnicas desenvolvidas pelo artista que completaria 50 anos de Brasília no dia 18 de agosto.

A campanha para construção do museu ainda está em desenvolvimento e poderá ter o slogan "Ligue para o Athos", ou seja, tome conta, cuide do Athos Bulcão. A idéia é abrir uma conta para doações a partir de R\$ 1,00. A expectativa da instituição é mobilizar a cidade para erguer a nova sede. "Queremos render essa justa homenagem ao artista plástico, ao professor que formou tantos dos nossos bons arquitetos. Afinal de contas acho que é uma dívida que a cidade tem para com ele", conclui Valéria. Brasília assina embaixo. ●